

# BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae São Paulo Setor de Publicações  
Ano I nº 3, novembro/dezembro de 1990 - Distribuição Gratuita

## EDITORIAL

Porta-voz? Ombudsman? Setor de Publicações? Subsetor? Autônomo?

Sim, a pergunta é: quem é o Boletim?

O grupo que o viabiliza tomou uma decisão que foi então considerada facilitadora para o rumo que os acontecimentos tomaram - primeiro realizá-lo, apresentando seu primeiro número como o próprio projeto em si.

Com isso, a intenção foi, não só de nos desembaraçarmos/desenredarmos de longas discussões teóricas que ameaçavam tornar o lugar do Boletim em si, ou no mínimo, nos nocautear por exaustão, como também de deixá-lo nascer com sua condição de "vir-a-ser" explícita.

Estamos agora no terceiro número e nos têm chegado algumas das repercussões dos números anteriores. Aliás, gostaríamos de ouvir muito mais.

Mas seguimos trocando idéias sobre o nosso papel e o do Boletim.

A coisa vai assim dividida porque não sentimos que somos o Boletim, o olho, a voz. No máximo, podemos oferecer a malha a ser preenchida pelo Departamento. Temos a idéia de que possam estar presentes muitas facetas, visões, aspectos que o animam - a pluralidade, que é justamente marca do Departamento.

A cara do Boletim deve ser a cara do Departamento - com suas tendências, descobertas, buracos, ritmo, diferentes momentos, constituição. A nossa cara - do Conselho Editorial - aparece na forma de tecer a possibilidade para que ele reflita tudo isso.

*Vera Rita de Mello Ferreira*

## DOS SETORES



### CLÍNICA

No intuito de continuar informando sobre as atividades da Clínica de Psicanálise, comunicamos que em setembro realizamos um grupo de escuta e a partir daí formou-se um novo grupo em Psicanálise e mais algumas análises individuais. Está prevista, até o final deste ano, a realização de mais um grupo de escuta.

A fim de discutir esta prática clínica, reunimo-nos duas vezes por semana, sendo uma reunião clínica e outra de estudos e produção teórica. A reunião clínica visa processar o andamento dessas análises, incluindo as implicações institucionais inerentes. A reunião de estudos objetiva fundamentar teoricamente questões provenientes dessa prática clínica, tais como: transferência e grupo na instituição.

Quanto às relações político-institucionais, seguimos com o trabalho de contato e discussão com a Clínica Psicológica do Sedes, onde abordamos os temas concernentes a nossa vinculação à referida clínica, ao encaminhamento dos pacientes à Clínica de Psicanálise, e ao pagamento efetuado, até então, pelos mesmos a esta Instituição.

Com relação às questões discutidas a nível de Departamento, vimos ressaltar a importância da representatividade dos setores junto à Comissão Coordenadora Geral, para que o trabalho destes seja por ela respaldado.

Finalizando, comunicamos que o encaminhamento de paciente a esta Clínica, deve ser feito através de carta endereçada à Clínica Psicológica do Sedes, onde o interessado explicita seu pedido de atendimento na Clínica de Psicanálise.



### PUBLICAÇÕES

Dado o interesse que as conferências realizadas no Sedes tem suscitado, foi sugerido que fossem publicadas em forma de CADERNOS para venda aos interessados.

Este trabalho poderia ser feito de várias maneiras: uma edição após a realização de cada conferência, uma única, que reunisse todas as conferências do ano, etc.

Os interessados devem entrar em contato com *Mânia* (Setor de Publicações) fone: 885-1443.



## SAÚDE MENTAL E INSTITUIÇÃO

No dia 22 de outubro de 1990, este Setor convocou as pessoas interessadas em participar do Setor, para expor o trabalho que foi feito a partir de 1984 no Convênio firmado entre o Sedes/Departamento de Psicanálise e a Coordenadoria de Saúde Mental do Estado de São Paulo.

Foi feito, inicialmente, um breve histórico do projeto inicial e das várias mudanças que foram ocorrendo ao longo deste período; ressaltou-se a influência política favorável em 84 e 85 e as adversidades que se seguiram; apontou-se também as disparidades que foram sendo percebidas entre as propostas e as demandas dos trabalhadores da rede, entre a parte técnica e a financeira, etc.

Mesmo sendo um trabalho que, como todo trabalho institucional, tem que se defrontar com muitas dificuldades, o grupo ligado ao Convênio (grupo este que se alterou no decorrer deste tempo), conseguiu chegar a um certo nível de organização e, principalmente, aprendeu muito com a experiência e acumulou conhecimentos.

No final de 89 retomou-se os princípios gerais que norteavam o convênio para formular um projeto para 90 que, embora aprovado, não teve ainda andamento durante este ano.

Neste momento (outubro-90), um novo contrato pode vir a ser assinado e a proposta que deve ser apresentada pode ser ampliada e modificada ao longo do ano. Mesmo sendo assinado, este novo "termo de adesão" pode não ser levado adiante em função da mudança de governo.

As pessoas ligadas ao Convênio devem apresentar uma proposta até o final de novembro/90; pretendeu-se com esta convocação trazer novamente para o Departamento essas questões ligadas ao trabalho na rede de Saúde Mental e discutí-los de forma mais ampla com os interessados. Posteriormente, se for necessário, se fará uma seleção; entretanto está em aberto não só o número de vagas, como a permanência de alguns dos membros atuais.

Ficou marcada uma nova reunião para 30 de outubro de 1990, às 20:30 hs. na sala 21 no Sedes (e outras reuniões serão posteriormente marcadas), para que os projetos elaborados e desenvolvidos fossem discutidos, bem como suas justificativas, e a partir daí se veria o encaminhamento a dar.

Os interessados em participar devem entrar em contato com: *Mary Ono* fone: 67-5794 ou *Cleide Arini* fone: 885-1443



## EVENTOS

Leia nossa programação para o mês de novembro no CALENDÁRIO.

## REPORTAGEM

### ASSEMBLÉIA GERAL

A Assembléia teve início com questões referentes ao quorum e a validade de ser mantida em caráter permanente. Embora tenha ocorrido uma greve dos Correios, o que impediu que a convocação chegasse a um grande número de pessoas, pensou-se que o reduzido número de presentes devia-se também à pouca repercussão, no Curso e nos demais Setores sobre a necessidade de se discutir e concluir a respeito da questão dos "Membros". Isto levou ao tema da autonomia dos Setores: o que se observa é que, cada Setor possui um nível de comprometimento grande consigo mesmo, porém não está havendo uma articulação maior com as idéias do Departamento e com a discussão do Regulamento. Pensou-se que isto poderia estar ocorrendo em função da percepção destas questões como algo burocrático e desinteressante; uma forma de se tentar romper com esta divisão ("burocracia" x funcionamento prático) seria criar um espaço onde esta questão pudesse ser discutida. Foi feita então uma sugestão, retomada posteriormente, de que se fizessem reuniões bimensais entre todos os membros de cada Setor e a Comissão Coordenadora Geral (CCG).

A necessidade de que a CCG tenha um intercâmbio maior com os membros dos Setores está relacionada, também, à responsabilidade que o Departamento como um todo tem diante do que é assumido por cada Setor; muitas decisões de âmbito do Setor, tem um peso que recai também sobre o Departamento em geral.

Seguiu-se um comentário sobre a importância da informação (compreendida como informação "viva") das atividades dos Setores e da CCG para que as pessoas possam saber melhor o que está ocorrendo e como participar do Departamento.

Foi possível verificar então, que os dois pontos mais discutidos (ampliação das bases de sustentação da CCG e circulação de informações) estão muito ligados à questão da divisão dos membros em duas categorias já que, mesmo não sendo um membro "ativo", é preciso estar informado para que o desenvolvimento dos trabalhos em Assembléias não seja atravancado.

No final da Assembléia, decidiu-se que a CCG convocaria reuniões com os diversos Setores de maneira a se poder fazer, em novembro, uma Assembléia decisória.

*Sonia Maria Rio Neves*

#### ERRATA

Na Reportagem 1 - Assembléias realizadas em 09/06/90 e 11/08/90 (Boletim nº 2), onde se lê "membros passivos", leia-se "membros participantes".



## DOS ALUNOS

### UM OLHAR INTERROGATIVO EM NOSSA SUPERVISÃO

Neste espaço do Boletim exponho aos leitores um pequeno recorte interrogativo a respeito da prática da supervisão, tal como está inserida neste filão de nossa ampla formação de psicanalistas. Certo é que aquilo que motivou a mim, nesta escolha, tem a ver com o objetivo de nos levar, a todos, a iniciar uma conversa mais conjunta a respeito desse assunto que, como aluna deste curso, vou percebendo que anda rondando os corredores e emergindo em regime de urgência no interior dos grupos de supervisão. Não há porque manter toda a série de contribuições de cada um de nós enrustida em nossos grupos "privados", como se fossem segredinhos de alcova, já que de muito as questões ali recorrentes dizem respeito e tocam diretamente à dimensão institucional mais ampla, ou seja, dizem respeito aos percursos possíveis da transmissão da Psicanálise e, portanto, à sua dimensão absolutamente coletiva.

Parece bem razoável se pensar que a um supervisor, como a um analista, escolhe-se. De certa forma a escolha também é feita quando se pede pertinência a uma instituição - ainda que de modo bastante diverso da escolha feita nas supervisões particulares de cada um. No pedido de pertinência está se escolhendo não algo abstrato, mas um local que comporta determinadas pessoas, que se funda sobre determinados princípios, que se sustenta por determinadas referências teóricas e práticas, bem como pelo modo de trabalhar com elas, e que age de acordo com uma prática de exercício de poder e política de alguma maneira própria (seja esta expiicitada ou não). Já que utilizei a palavra **escolha**, está dado que a pertinência assim entendida não é sinônimo de que se deva aceitar passivamente toda e qualquer proposta ou conduta dessa instituição pleiteada e também escolhida. Interferir afirmativamente é sinônimo de real pertinência.

A partir daí proponho pensarmos se, de fato, através desse tipo de escolha, já se faz viável apostarmos no dispositivo de supervisão em grupo dentro do nosso curso/percurso, tendo em vista nossa formação. Não nos esqueçamos de que uma supervisão clínica está baseada fundamentalmente no manejo de aspectos transferenciais que envolvem o processo de análise em questão e que, para tanto, exige o manejo adequado da transferência existente do supervisionado em relação ao supervisor para que a atividade possa se desenvolver e não ser vivida como uma intromissão violenta, bem como operar com tudo isso num grupo dentro de uma instituição onde as transferências, pela própria situação, estão multiplicadas entre todos e onde supervisor é também o depositário da transferência grupal com a instituição?

Será que dentro destas circunstâncias o que podemos fazer é uma outra espécie de supervisão clínica (e então, qual?) ou trata-se muito mais de assumirmos um seminário clínico reportado à exposição de casos? Este convite, dirigido à possibilidade de podermos melhor delinear o que estamos fazendo, poderá, eu penso, nos ajudar a lidar com as expectativas e com os limites dessa nossa curiosa atividade.

*Mara Selaibe*



## PONTO DE VISTA

### A RELAÇÃO DA HISTERIA COM A MORTE DO PAI

As características da personalidade histérica originam-se de uma reação aos mecanismos de dissolução do complexo de Édipo, mecanismos de dessexualização e sublimação (O Ego e Id - cap II). Assim haveria paradoxalmente, na histeria, uma atração especial por objetos onde existem restrições eróticas: cunhado, primo, médico que consulta, seu psicanalista. Que o médico ginecologista, por exemplo, trate o corpo de sua paciente histérica de maneira eroticamente neutra, ela reagirá sexualizando a situação pela sedução, ao mesmo tempo que atribuirá ao médico um interesse erótico. A neutralidade e a ciência são terrenos em relação aos quais a histeria quer se colocar alheia.

Os objetos não podem, pela reação histérica, significarem o "pai morto", o totem (Braunschweig e Fain, *La nuit, le jour*). A histeria completa-se na tendência a cuidar dos doentes adultos, pois vê aí uma facilidade, sua imunidade perante as significações da morte deles: a seqüência inevitável das gerações, sua própria morte portanto. A histeria vive o luto quando ocorrem separações, mas não quando se trata de mortes. A paralisia histérica diante da dissolução do complexo de Édipo impede que seja descoberta a significação erógena da vagina, que é novamente uma tendência pós-ediapiana.

Foi apresentado um caso clínico com grandes semelhanças com o caso Dora, principalmente no que se refere ao segundo sonho; em relação a este foram reavaliados o sintoma de "apendicite", a Madona do quadro de Rafael que Dora admirou longamente, vistos em relação ao aparecimento e erotismo vaginal e correlacionados com a morte do pai, do mesmo sonho.

*Wilson de Campos Vieira*  
*Em Espaço Aberto - 21/agosto/1990*

### UM CASO CLÍNICO

Dentro de um caso clínico, ou seja, da condução de uma análise, propôs-se como tema de discussão os efeitos possíveis gerados a partir da gravidez da analista. Um fenômeno como este, traz para dentro do campo transferencial, um dado da realidade que pode, dada a estrutura do paciente, por em risco a continuidade do tratamento.

No caso discutido, o paciente encapsula, por assim dizer, toda a transferência na figura da mulher, que é profissional e que gera outro ser. Por esta razão, deixa de ser confiável enquanto analista, dado que tirará licença para cuidar de alguém mais importante - o bebê; deixa de ser confiável para sua entrega no processo que lhe é tão doloroso e que lhe custa tão caro internamente.

*Elisabeth Antonelli Gaiarsa*  
*Em Espaço Aberto - 16/outubro/1990*

## A INTERPRETAÇÃO - O QUÊ - COMO - QUANDO

Nesta mesa redonda apresentei um trabalho que tenta responder a duas questões formuladas a partir do tema da interpretação:

- 1ª) De que maneira e por que meios a interpretação vincula uma teoria do inconsciente com a prática clínica?
- 2ª) Que lugares ocupam o saber teórico e a análise pessoal do analista na formulação da interpretação?

Considero que questionar o quê, como e quando interpretar reduz de certa forma a questão da interpretação a uma fenomenologia da clínica se não ampliarmos estes interrogantes no sentido exposto anteriormente.

De outro lado, nenhum discurso sobre a interpretação adquire valor se não é referenciado na própria clínica. Minha comunicação aborda, então, o que posso dizer da teoria a partir de uma prática clínica realizada prioritariamente com pacientes neuróticos adultos.

Evidentemente faz-se necessária a leitura do trabalho para estimar em que medida estes propósitos foram atingidos.

Acho interessante ressaltar que a experiência de ter participado desta mesa redonda foi extremamente rica para mim. Um bom clima de trabalho permitiu que diversas questões fossem colocadas e a discussão das mesmas foi extremamente produtiva para todos os que dela participamos.

*Isabel Mainetti de Vilutis*

*Em Mesa Redonda - 12/setembro/1990*

## INTERPRETAÇÃO

O conceito de interpretação, tão fundamental para a prática analítica, ao mesmo tempo que pouco definido na teoria, é dos mais fecundos na literatura pós-freudiana.

O percurso clínico-teórico de Freud vai desde uma abordagem IMAGINÁRIA da interpretação como explicação, atribuição de significado e doutrinação, passando depois para uma teoria da primazia do significante, situada no registro do SIMBOLICO, até o momento final em que o REAL se impõe na travessia do fantasma. Neste ponto, a interpretação se complementa com a construção.

Curiosamente, foi esta a mesma seqüência que Lacan percorreu na evolução de seu ensino, acrescentando que a interpretação se beneficia do caráter de equivocação, visto que o significante não é determinado a um só significado. O sujeito vai sendo produzido de um significante a outro significante, no meio-dizer, onde a verdade não é toda dita.

E ainda que a interpretação possa ser divertida como um chiste, sempre causa horror pelo imprevisível de seus efeitos.

*Geraldino A. Ferreira N.*

*Em Mesa Redonda - 12/setembro/1990*



## DEPOIMENTO

### ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO?

Para falar desse lugar de Acompanhante Terapêutico sugiro tomarmos, no rastro de Maud Mannoni - o caso de Daniel Paul Schreber, doutor em Direito, presidente aposentado da Alta Corte do reinado de Saxe, que em 14 de julho de 1902 apelou do julgamento que o havia colocado sob tutela, por considerar que "um delirante presa de alucinações, isto é, 'presa de influências externas não controláveis', não se encontrava em situação de se ocupar, com adequação, da administração de seus bens" (1). Daniel Schreber contesta essa sentença psiquiátrica alegando que se era considerado um doente mental, a psiquiatria deveria provar que sua doença era "incompatível com seus direitos civis".

Sem querer me estender nesse historial, aponto para o fato de que o juiz de Dresde não colocou em dúvida o diagnóstico médico feito a Schreber, porém julgou a alienação (a loucura) como "parte dos direitos do indivíduo". Sendo esses direitos o que a corte de apelação procurava preservar e avaliando que a instituição da tutela "não apresentava nenhum efeito sobre o curso da doença, esta investidura legal lhe parecia inútil (e, com ela, o internamento)" (2). O juiz aí legitima seu direito de circulação social, desde que essa não colocasse em risco sua própria vida e a de seus vizinhos.

Um corte na história.

Hoje, nós que trabalhamos com a loucura, ainda nos deparamos com a difícil engrenagem dessa relação entre o psicótico e sua realidade social e é nessa imbricação que está o A.T.

Para onde ir? Saímos com esses pacientes, vamos a bares, cinemas, parques, ficamos com eles algumas horas por semana. Um encontro marcado. "Acompanhamos sujeitos que perderam a possibilidade de encadear seu mundo ao mundo... Sujeitos que foram retirados, mais do que se retiraram do circuito social. Ou porque se imobilizavam em mínimas circunscrições fechadas, ou porque voavam em velocidades excessivas, ou ainda, porque tentavam um funcionamento tão insólito que foram sistematicamente isolados e excluídos. Sujeitos que não suportaram não mais poder, num determinado período, realizar suas vontades, seus projetos através dos recursos próprios de que dispunham" (3).

Percorrendo o mundo da Cultura procuramos junto com eles brechas, através das quais algumas conexão entre o paciente e a cidade possa acontecer. Buscamos deslocamentos de lugares e construções de histórias.

Trabalhamos com as repetições e com as invenções, com o passado e com o inédito na vida de cada paciente.

O que nos permite essa ginga é a produção simultânea do que joga na relação transferencial, em atos, propostas, atividades que buscam tirar o sujeito de sua seara mortífera e trazer à baila o que sua loucura tem de afirmação de diferença. Afinal navegar é preciso... e viver também é preciso.

*Eliane Berger*

(1) Mannoni, Maud - O Psiquiatra, Seu Louco e a Psicanálise.

(2) Mannoni, Maud - O Psiquiatra, Seu Louco e a Psicanálise

(3) Porto, Maurício - Palestra Proferida no IIº Encontro Sobre Psicose e Instituições.



## CALENDÁRIO

### NOVEMBRO

- **Seminário Teórico:** Jurandir Freire Costa  
Tema: "Perversão"  
Local: Instituto "Sedes Sapientiae"  
Data: 23 e 24 / Novembro / 1990
- **Espaço Aberto:** Elisa Maria Ulhoa Cintra  
Tema: Melanie Klein, primeiros trabalhos: uma abordagem  
Local: Instituto Sedes Sapientiae - sala 5  
Data: 20 / novembro / 1990 (sempre na terceira 3ª feira de cada mês, para membros do Departamento)
- **Edição do Boletim nº3.**  
Com este número encerramos o primeiro ano da edição do Boletim.

### MARÇO

- Fechamento do Boletim nº 4 em 15 de março de 1991
- As contribuições para o Boletim devem ser entregues datilografadas até a data acima, com espaço duplo em papel formato ofício, com ou sem ilustrações. Telefones para contato: 284-5963 (*Maria de Lourdes*) ou 257-1082 (*Carlos Videira*).

## CLASSIFICADOS

### ESTAGIÁRIA EM PSICOLOGIA (para 1991)

Instituição de Crianças  
Trabalho com Psicodiagnóstico e Ludoterapia, com supervisão e certificado  
Entrevistas: Fone 287-9019 (Sonia).

### CONSULTÓRIOS

Alugo com serviços de secretárias, telefone, etc

Consulte a consultar  
Tel. 65-9281 ou 65-7955

Ler Psicanálise nos textos originais (M.Klein, Bion, Winnicott, Freud na Standard Ed., e outros).  
Enquanto aperfeiçoa ou aprende Inglês.

Individual ou Grupos  
Vera 263-5725

### ÓTIMA SALA

#### ALUGO

Av. Paulista c/Brig. Luis Antonio  
Tel. 284-5963  
Maria de Lourdes C. Costa

*Emporium*  
Importados em Geral

#### IMPORTADOS EM GERAL

2º aniversário - Grandes Ofertas  
R. Homem de Mello, 438 F; 654213

### DEPILAÇÃO EGÍPCIA

Cera Descartável à Domicílio

Daiva Tel. 221-1701  
(ligar manhã ou noite)  
30 anos de experiência



### Copiadora Tekgraf S/C Ltda

- Xerox
- Off-Set
- Encadernação
- Plastificação
- Listas de Preços
- Papel timbrado
- Cópias em geral

Rua Turlassú, 1352 - Água Branca - 05005 - São Paulo - SP - Fone: (011) 872-5724



*grupo de apoio  
à maternidade  
e paternidade*

R. Sapetuba, 315 Tel. 210-9239

### HOTEL Pousada Caminho do Mar ARRAIAL DA AJUDA - PORTO SEGURO

Sol da Bahia o ano inteiro, uma paisagem de praias tranquilas e falésias coloridas  
Aptos avarandados ao redor de um lindo jardim com ventilador, água própria fria e quente, bar, restaurante e uma rede a sua espera.

Reservas: SP 37-3660 (14 às 19 hs)

## ANUNCIE